

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Construções de gênero e juventude pela corporeidade. Numa praia naturista do Rio de Janeiro.

Eduardo Carrascosa de Oliveira.

Cita:

Eduardo Carrascosa de Oliveira (2009). *Construções de gênero e juventude pela corporeidade. Numa praia naturista do Rio de Janeiro. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2163>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/d9c>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Construções de gênero e juventude pela corporeidade

Numa praia naturista do Rio de Janeiro

Eduardo Carrascosa de Oliveira
Unicamp, SP, Brasil

A corporeidade é um ponto de vista metodológico no qual a experiência corporal é compreendida como fundamento existencial da cultura e do sujeito. Desse modo, o corpo é um valioso ponto de partida para uma análise, pois este se apresenta como o lugar da liberdade e dos limites do sujeito. Esse caráter ambíguo aparece na construção social da individualidade, valorizando o corpo como instrumento de subjetivação, ao mesmo tempo em que o controla. O corpo no naturismo também é paradoxal, sofrendo as consequências de um processo de busca de identidade presente na contemporaneidade. O corpo “natural” e “puro” almejado pela prática da nudez coletiva e pública em ambientes regulados é matéria de símbolos de pertencimento e de distinção. Através da pesquisa feita com entrevistas e observação participante entre os praticantes do naturismo na Praia do Abricó, o trabalho pretende mostrar e discutir como atuam os marcadores de gênero e de juventude, como a preocupação com o corpo saudável e belo, em suas implicações num contexto de busca de uma igualdade subjetiva supostamente pela “igualdade” dos corpos nus.

Palavras-chave: Naturismo – Corpo – Identidade.

Introdução

Cercada por montanhas e vegetação tropical, sendo uma área de proteção ambiental dentro da reserva biológica do Parque de Grumari, a praia do Abricó é um pequeno pedaço de areia na faixa litorânea do município do Rio de Janeiro. Situada na Zona Oeste, logo após a Prainha, para quem toma o sentido de Barra de Guaratiba, Abricó foi escolhida pelos naturistas por sua localização que permite privacidade e tranqüilidade. Freqüentada por aqueles que preferem o banho de mar sem roupas, tem na Associação Naturista de Abricó (A.N.A.) a organização que zela pelo cumprimento das normas internacionais de Naturismo, na praia, e promove o convívio dos associados, oferecendo jogos, reuniões temáticas e passeios.

Por ser cercada por montanhas e por sua proximidade com o centro urbano a Praia de Abricó é o ponto ideal para a prática do naturismo no Rio de Janeiro. Apesar dos meios de transportes coletivos deixarem seus passageiros a cerca de 5 km da praia, existe uma estrada asfaltada que possibilita o acesso até bem próximo à praia.

Após decisão judicial, a Praia de Abricó voltou a ser praia oficial de naturismo sendo a única da cidade do Rio de Janeiro (Resolução nº 64/94, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente/ Decisão Judicial de 30 de setembro de 2003).

Os naturistas estão presentes na praia do Abricó desde a década de 1960. Privilegiada por sua geografia, que a torna escondida e quase secreta, Abricó sempre teve preferência para a freqüência naturista por seu acesso fácil. No início, era quase deserta e muito poucos naturistas a conheciam. Este número teve um pequeno aumento na década de 1980, quando, nos dias de semana, naturistas eram vistos em suas areias. Havia uma convivência entre os nus e os vestidos e, até mesmo, com a polícia. No entanto no início dos anos 90 essa paz foi quebrada repentinamente. Começou a haver repressão policial aos que estavam nus da praia, que foi se intensificando com o passar do tempo. Criou-se um clima de revolta e começaram a surgir sugestões para contornar o problema. Então, a idéia de tentar oficializar a prática naturista tomou corpo, incentivado pelo surgimento da praia do Pinho, em Santa Catarina.

Deputados, vereadores e a prefeitura começaram a ser procurados, até que em 1992, um projeto preparado pela RIO-NAT (antiga associação naturista do Rio) e por Pedro Ribeiro, freqüentador do Abricó, foi entregue à Secretaria Municipal de Meio Ambiente, para estudar o caso. Dois anos se passaram e, em 30 de novembro de 1994, o secretário de meio ambiente Alfredo Sirkis assinou a Resolução que permitia a prática do Naturismo, ressalvando o direito à freqüência dos não praticantes.

Isto permitia a presença de naturista e de não naturistas. Mas um juiz, uma semana depois de abertura, concedeu uma liminar proibindo a prática do naturismo em Abricó. As tentativas para cassar a liminar, por parte da prefeitura e da Rio-NAT, foram frustradas. Assim, a praia ficou proibida até março de 2001, quando, no julgamento do Mérito, os naturistas foram vitoriosos em 1ª Instância.

Passados mais de seis anos de briga na Justiça, o Naturismo saiu vitorioso e retornara as areias da Praia do abricó, no Recreio dos Bandeirantes. Isto funcionou até junho do mesmo ano, pois um advogado recorreu da sentença e entrou com nova ação e conseguiu uma nova liminar, que mais uma vez tirou a praia do Abricó dos Naturistas. Novas tentativas frustradas de derrubar a ação quase fizeram perder a chance de reaver a praia para o naturismo.

Após a argumentação do advogado, procurador do município, Luiz Roberto da Matta, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, julgou o Mérito da questão a favor dos naturista, por 4 votos a 1, derrotando mais uma vez o advogado contrário à causa naturista, no dia 30 de setembro de 2003.

Quanto aos princípios que norteiam a prática, no site da internet da Associação¹ encontramos a de definição da filosofia do naturismo:

“Naturismo é ser natural. O naturismo tem como finalidade promover um modo de vida mais natural e saudável, dirigindo suas preocupações para o meio ambiente, para a saúde física e mental e para a alimentação”. Segundo consta, no congresso da INF ocorrido em Agde na França, em 1974, os naturistas presentes, após extensa deliberação sobre o assunto, definiram o naturismo como: "Naturismo é um modo de vida, em harmonia com a natureza, caracterizado pela pratica da nudez social, com a intenção de encorajar o auto-respeito, o respeito pelo próximo e pelo meio ambiente”.

Continuando a exposição de seus princípios, colocam que a nudez social constitui-se numa característica essencial do naturismo, pelos vários efeitos benéficos que proporciona, tanto física como psicologicamente. “O naturismo restaura o balanço entre as dimensões física e psíquica, livrando as pessoas das tensões internas causadas pelos tabus e pelas provocações da nossa sociedade contemporânea”.

Cada país e cada grupo naturista têm suas particularidades, alguns mais fiéis aos princípios de saúde ligados ao naturismo, pregando o vegetarianismo e a prática de exercícios, outros menos rígidos, pregando um naturismo mais próximo das condições que vivemos em nossa sociedade. O

importante é que todos seguem as mesmas normas e possuem todos o mesmo objetivo, o crescimento do ser humano e uma maior proximidade com a natureza.

A respeito da sua “ética de comportamento”, seguem-se as normas de condutas, estabelecidas pela (ANA) - Associação Naturista da Praia do Abricó junto à (FBrN) - Federação Brasileira de Naturismo, como meio de garantir um padrão ético de comportamento para praias de Naturismo. Assim, não é permitido:

I.01. - Ter comportamento sexualmente ostensivo e/ou praticar atos de caráter sexual ou obsceno nas áreas públicas.

I.02. - Concorrer para a discórdia por intermédio de assédio ou propostas inconvenientes com conotação sexual.

I.03. - Causar constrangimento pela prática de atitudes inconvenientes ou inadequadas.

I.04. - Exceder-se na ingestão de bebidas alcoólicas, causando constrangimento a naturistas ou visitantes.

I.05. - Praticar violência física ou dizer palavras ofensivas como meio de agressão a outrem.

I.06. - Causar dano à imagem pública do Naturismo ou provocar danos à Flora e à Fauna.

I.07. - Fotografar, gravar ou filmar naturistas, sem a permissão dos mesmos.

I.08. - Portar ou utilizar drogas tóxicas ilegais.

I.09. - Transitar ou portar armas de fogo.

I.10. - Praticar algum tipo de esporte que possa trazer riscos, incomodar ou atrapalhar na circulação das pessoas pela praia.

I.11. - Portar-se de forma desrespeitosa ou discriminatória perante naturistas ou visitantes.

I.12. - Deixar lixo em locais inadequados.

Em relação aos números da freqüência na Praia do Abricó nos dias em que associação está presente, Jorge Ferreira Ramos, responsável pelas estatísticas publicadas no site, sabemos que a praia do Abricó foi liberada para a prática naturista em 1994, mas, por causa de vários problemas judiciais, somente em 2003 é que teve sua condição garantida. De lá para cá têm sido feitos levantamentos sobre a freqüência da praia em quase todos os finais de semana, graças à abnegação e persistência de um freqüentador tradicional (que prefere não ter seu nome divulgado), que percorre constantemente os 250 metros do comprimento para fazer suas anotações. Os dados foram coletados entre outubro de 2003 e junho de 2005.

Vale lembrar que de outubro de 2003 até meados de fevereiro de 2004 toda extensão da área naturista podia-se ficar de roupas. Somente após o estabelecimento de área obrigatória de nudismo é que houve aumento da freqüência de naturistas.

Pela tabulação, em outubro de 2003 a média de freqüentadores foi de 59 (48 homens e 11 mulheres) pessoas e houve, após crescimentos e quedas, um pico médio de 150 pessoas em janeiro de 2005. No entanto, o maior número absoluto ocorreu no sábado, dia 12 de março de 2005, com um total de 241 pessoas, 180 homens e 61 mulheres, destas, 23 em nu total e 38 em topless. Contudo a média do mês foi inferior à de janeiro do mesmo ano, que foi um mês de menor variação na presença efetiva das pessoas. A média de janeiro de 2005 foi maior, mas o pico de lotação aconteceu em março de 2005.

O número de mulheres em topless aumenta nos períodos de maior movimento. Cai nos períodos fora de feriados e férias. Esse fato sugere que as nossas freqüentadoras assíduas e conhecidas são as que aderiram e não estão ali como as outras para simples experiência.

O percentual de participação entre homens e mulheres mantém-se dentro de certo padrão de equilíbrio, variando sempre na faixa de 20 a 25 por cento de mulheres para 75 a 80 por cento de homens. Quando aumenta o quantitativo de homens aumenta também o de mulheres.

Quando a praia foi liberada e nos primeiros meses, a taxa de mulheres em topless era maior: mais da metade. Com o tempo essa relação foi diminuindo e inverteu-se. No mês de maio de 2005 o número de mulheres em nu total chegou a noventa por cento.

Tradicionalmente excluída dos roteiros turísticos da metrópole, a praia do Abricó pode ser considerada uma descoberta recente no cenário carioca. Quando começou a servir de local para a prática, poucos eram os freqüentadores da região, que nem sequer possuía estrada pavimentada para o acesso. Atualmente, a praia do Abricó é um dos espaços tradicionais no contexto do naturismo brasileiro, ocupando um papel destacado no movimento de legalização e divulgação da prática do naturismo no país.

Localizada numa das regiões mais valorizadas do Rio de Janeiro, a praia do Abricó permite vislumbrar diferentes concepções sobre o significado da oposição norte-sul no contexto da cidade. Situada no extremo oeste do município – a poucos metros da Prainha, que veio a se tornar uma das principais referências para a elite carioca – ela possui um índice acentuado de freqüentadores provenientes dos vales do norte e da região da baixada, que muitas vezes se deslocam por grandes distâncias com a finalidade exclusiva de praticar o naturismo.

A ocupação das praias da Zona Oeste pode ser pensada dentro da mesma lógica que orientou a ocupação do litoral sul – pelo distanciamento das elites e camadas superiores em relação aos estratos sociais menos elevadosⁱⁱ. Assim, torna-se possível reconhecer no esboço de um perfil sociológico dos freqüentadores do Abricó uma espécie de descontinuidade em relação ao público que tradicionalmente visita as demais praias da região. Há um contraste entre os freqüentadores da praia do Abricó e os banhistas das demais praias cariocas. Tanto na Prainha quanto em Grumari –

que delimitam conjuntamente as fronteiras da praia do Abricó – o público predominante é composto por integrantes das elites e da classe média alta da Zona Sul e da Zona Oeste cariocas.

Se por um lado não temos as camadas mais altas, por outro lado a presença de indivíduos pertencentes às camadas populares é muito reduzida, talvez pela dificuldade de acesso e transporte público – fator que, segundo os banhistas, ofereceria maior segurança e tranquilidade quando em comparação às outras praias cariocas.

Um perfil completo dos freqüentadores das praias cariocas foge aos objetivos deste estudo, mas a comparação é interessante na medida em que permite reconhecer diferenças significativas no padrão de uso e ocupação deste espaço por parte dos naturistas. Considerando a heterogeneidade dos grupos que ocupam as diferentes praias da cidade, a praia do Abricó revela características bastante específicas, em função de seu público praticamente exclusivo e do tipo de sociabilidade que se desenvolve em seu interior. Para quem visita a praia do Abricó, é uma surpresa se deparar com um universo social tão diferente daquele encontrado nas demais praias cariocas. Muito embora não seja possível reconhecer os naturistas da praia do Abricó como um todo homogêneo, desvendar algumas características comuns é um esforço necessário para tentar delimitar as fronteiras que definem o pertencimento ao grupo.

Mais do que a percepção de uma identidade compartilhada, existe também um perfil geral dos adeptos do naturismo no contexto carioca, permitindo classificá-los segundo um sistema simbólico específico, que orienta suas concepções e práticas sociais. Os naturistas da praia do Abricó podem ser definidos como indivíduos provenientes das camadas médias cariocas, com residência na Zona Norte da cidade ou na região da baixada – o que os distingue dos freqüentadores das praias contíguas. Destacam-se nesse sentido os bairros suburbanos e menos valorizados no município, bem como alguns representantes do Centro e das periferias da Zona Oeste e da cidade de Niterói.

Entre as ocupações principais dos freqüentadores, entrevistados e contatados até o momento, encontram-se funcionários públicos, pequenos comerciantes, militares de reserva, professores e profissionais autônomos. Em sua maioria, possuem nível universitário – ou ensino médio profissionalizante – e um padrão socioeconômico relativamente mais baixo do que aquele encontrado entre as camadas médias da Zona Sul. Em relação à faixa etária, existe um grau de variação acentuado, com mais freqüentadores entre 35 e 60 anos. Adolescentes são bem pouco comuns e a grande maioria dos jovens tende a aparecer somente em ocasiões específicas, como congressos e encontros promovidos no local. Entre os adultos, há grande presença de pessoas casadas ou divorciadas, muito embora a presença maciça de homens desacompanhados, cujas

esposas ou companheiras não são adeptas do naturismo, indique uma menor adesão feminina em relação à prática.

Embora os homossexuais sejam controlados através das regras que exigem casais em muitos espaços naturistas, não é possível afirmar com precisão a presença destes entre os praticantes do naturismo no Brasil. Contudo, mesmo menos comuns entre os naturistas, os homossexuais existem em quantidade, principalmente na parte final da praia do Abricó, perto das pedras, também freqüentada por pescadores.

De acordo com essas classificações, a primeira impressão é que é possível situar o naturista médio como homem, heterossexual, casado, branco, de classe média, nível técnico ou superior e na faixa dos quarenta/cinquenta anos. Mas este padrão está a ser investigado para saber se há confirmação. Tende-se a considerar, que em sua maioria, seriam pais de família que enxergam no naturismo uma possibilidade de vivenciar novas experiências e relações sociais diferenciadas quando comparadas à formalidade e impessoalidade das relações nos diferentes contextos urbanos, caracteristicamente nos modos de vida das elites e classes médias. Compartilhando entre si um ethos diferenciado quando em comparação aos demais grupos urbanos cariocas, distanciam-se da lógica de distinção que caracteriza o imaginário social da Zona Sul da cidade e também do conservadorismo arraigado tradicionalmente associado com a Zona Norte, eles reivindicam um lugar para si no contexto da cidade.

A PESQUISA

Nossa proposta central é estudar o naturismo - prática em que um grupo de pessoas pensa a natureza humana como ligada à nudez do corpo em espaços públicos. Nesta pesquisa, são discutidos os aspectos centrais que sustentam tal perspectiva, cada um deles contrapondo-se a características do processo de construção de identidades. O naturismo pode ser interpretado como um fenômeno derivado de uma sociedade que, por um lado, cultua o corpo e o poder da sua imagem e, por outro, atribui ao lazer uma função decisiva na promoção de uma ação social ligada a preceitos morais. Como o corpo humano serve de símbolo de pertencimento, investigam-se as dimensões “interessadas” e “desinteressadas” das relações em grupos naturistas, tendo sempre em vista a contraposição à ênfase que os grupos naturistas colocam na “pureza” e o “igualitarismo” dos corpos nus. Utilizando a Associação Naturista de Abricó (A.N.A.) do município do Rio de Janeiro (RJ) como objeto de pesquisa, busca-se identificar se estes aspectos também podem ser vistos como discursos internos às relações de poder que se estabelecem no interior desta comunidade. Tendo a hierarquia de gênero e a dominação masculina como indicadores, a pesquisa

baseia sua investigação na problematização do paradoxo que se inscreve na “vergonha/orgulho” da nudez.

Assim, os objetivos específicos da pesquisa são:

1 - Analisar os diferentes discursos presentes nos depoimentos dos praticantes de naturismo, a partir da pesquisa de campo com homens e mulheres, com o objetivo de discutir a dominação masculina, com seus imperativos sociais de usos do corpo e seus reflexos nas preocupações dos indivíduos.

2 – Por meio dos dados encontrados, averiguar se a busca de um determinado modelo de corpo pode significar, para o grupo analisado e indivíduos contemporâneos em geral, a submissão a uma espécie de “violência simbólica” imposta àqueles que não se disciplinam para se enquadrar nos padrões exigidos.

3 - Indagação acerca do lugar designado à família na estruturação do modelo de comunidade naturista. A manutenção, como um ideal, de um modelo de família numa sociedade onde os compromissos com a tradição e com as heranças das gerações já não são a base dos laços sociais é examinada. A necessidade de buscar formas específicas de modelos familiares dentro do ambiente da praia controlada pela associação naturista é discutida, levando-se em conta a importância dada ao “ambiente família”.

TRABALHO DE CAMPO

A pesquisa de campo foi iniciada de acordo com o cronograma do projeto de pesquisa. Começou com minha ida à Praia do Abricó, a partir de meados de 2008, imediatamente na posição de pesquisador perante as pessoas que organizam a Associação Naturista do Abricó (A.N.A.). Resolvi me identificar de pronto porque considerei que seria difícil fazer perguntas e me informar sobre o naturismo no local sem revelar meu interesse. As entrevistas não foram iniciadas senão após algumas visitas.

Até o momento foram feitas 14 entrevistas com praticantes do naturismo que freqüentam a praia do Abricó nos fins de semana, quando a associação está presente. As entrevistas seguiram o roteiro apresentado no projeto inicial e tiveram seus conteúdos gravados por aparelho de áudio. Estas primeiras entrevistas já foram transcritas para arquivos em *Word for Windows* e estão entrando em fase de análise.

Paralelamente estamos recolhendo e analisando material obtido através da internet. No site da A.N.A., há as atas das assembléias em que os membros participam. Esse conteúdo, que expressa preocupações, anseios e decisões do grupo, serve para melhor descrever e caracterizar as práticas

que visamos estudar. Alguns pontos relevantes para nossa análise já foram selecionados e são apresentados em anexo. A referência ao conceito de família e discussões que sirvam para compreender a preocupação do grupo com a questão familiar foram o primeiro destaque.

Outra fonte a ser usada como objeto de pesquisa serão as edições do *Jornal Olho Nu*, publicado por Pedro Ribeiro, ex-presidente da A.N.A., com notícias e conteúdo sobre o naturismo no mundo, no Brasil e especificamente na Praia do Abricó.

Utilizaremos também, como fonte de pesquisa, as notícias veiculadas na mídia sobre o naturismo e especificamente sobre a praia do Abricó. Pelo caráter erótico e apelativo que a nudez costuma conter, há um regular interesse da imprensa em estampar matérias sobre o assunto em suas páginas impressas ou eletrônicas. Algumas destas reportagens, que variam do caráter informativo ao atrativo, são recolhidas pelos sites da praia do Abricó e da associação e foram incluídos no anexo 04.

SITUAÇÃO ATUAL

A página inicial no website do clube naturista *Recanto Paraíso* (Piraí, RJ), mostrando uma mulher e um homem de mãos dadas, serve de ilustração para se investigar o funcionamento de espaços onde a prática do naturismo se vale do estímulo à presença de “famílias” para que assuma como ambiente de respeito e não de promiscuidade. Em luta por se distinguir dos “suingueiros” freqüentadores da praia do Abricó nos dias de semana, como vem sendo relatado pela imprensa, esse ambiente familiar deve ser conquistado através do estímulo à presença de casais que demonstrem respeito pelo código de ética naturista sem, no entanto, ser possível a proibição da entrada de solteiros – como ocorre geralmente nos clubes fechados.

Na pesquisa realizada até o momento para este estudo de doutoramento, que conta com observação etnográfica no local, com entrevistas aplicadas a praticantes freqüentadores e com análise das atas das assembléias da associação, a noção de família que se apresenta é aquela centrada no homem e em que a mulher aparece como um objeto passível de controle e proteção. Nesta visão, a “família” e o “natural” se misturam. A pesquisa, então, procura entender como se combinam os conceitos de natureza e de família, e qual a ligação destes com a posição ocupada pela mulher dentro das perspectivas adotadas pelos praticantes e pela associação.

Despido da figura distanciada de simples observador, venho freqüentando a praia do Abricó onde oficialmente funciona a associação responsável pelo cumprimento da lei que lá autoriza a prática do naturismo. Por obrigatoriedade, como qualquer outra pessoa maior de 12 anos que lá

estiver aos sábados, domingos e feriados, a minha nudez, e por vezes de minha esposa também, tem sido trocada por depoimentos e conversas com praticantes.

A presença de solteiros definitivamente é aberta e recebida sem problemas por aqueles que zelam por respeito ao direito de todos de ficarem sem roupa sem prejuízo moral ou social por isso. Quem chega desacompanhado e não tem a busca de encontros sexuais como interesse (pelo menos não prioritário ou exclusivo), se mostrando submetido ao código de ética próprio da associação, não sofre nenhum tipo de constrangimento. Porém, todo um esforço de afirmação e difusão do naturismo passa pela aceitação do convite feito à sociedade em geral para conhecer e praticar esta maneira diferente da maneira que se freqüentam outras praias. Isso leva à necessidade de controle sobre os possíveis descontroles de um erotismo que não combine com a liberdade controlada, onde há a busca de uma natureza civilizada, sobretudo dos impulsos sexuais masculinos. Nas respostas a “perguntas freqüentes” na página da associação na internet (www.anabrico.com), lê-se:

Homem desacompanhado de mulher pode freqüentar?

Claro. Não há divisões entre acompanhados e não-acompanhados. Todas as pessoas são bem vindas desde que se submetam às regras de convivência (leia a ÉTICA). O comportamento é fiscalizado pela associação.

O fato de não haver referência a uma pergunta se “mulher desacompanhada de homem” pode freqüentar parece deixar claro que o controle do que seja “natural” se esperar de um homem e não de uma mulher.

O ponto central não é simplesmente mostrar como os entrevistados reproduzem as concepções de família e de gênero presentes na sociedade. Mais importante é medir ou pelo menos assinalar como a sociabilidade primária (das relações de amizade, família e etc.) é construída de maneira conflitante entre o que o grupo naturista supõe ser natural e o modelo de família que utiliza como recurso para a prática do naturismo.

Um exemplo que pode ilustrar esta forma de organização do grupo aconteceu no Dia Internacional da Mulher, quando extraordinariamente as mulheres teriam o direito de entrar e permanecer na praia usando roupas, sendo que para aos homens a regra não mudaria. Pretendia-se com isso, segundo ata de assembléia realizada no dia 9 de junho de 2007, “que os maridos que possuam esposas não naturistas possam trazê-las para freqüentar e constatar a paz e fraternidade de nossa praia”. Isto, de certa forma, demonstra a particularidade da posição feminina, dado que não se imagina que o contrário seria proposto, isto é, de homens vestidos na presença de mulheres nuas. Ou seja, na figura do casal, é preciso que o homem esteja nu para assim se dar a condição de vulnerabilidade de todos os participantes, necessária ao nudismo. Provavelmente, já se assumindo a

vulnerabilidade e a submissão “naturais” da mulher, sua nudez pode ser até não demandada, caso o homem do casal assuma essa posição, já que ele é o “responsável” dentro do casal.

Nesse caso, o natural é, em nossa hipótese, pelos naturistas considerado como um depurativo das opressões presentes na cultura. O natural significa o correto, o que não foi nem pode ser corrompido por preconceitos que estabelecem uma conotação sexualizada do corpo nu. Mas para a preservação do natural, se valem dos modelos de afirmação da família nuclear, que além de reproduzir a condição natural do feminino como ligado ao doméstico e subordinado à superioridade masculina, executa o preceito da heterossexualidade.

É interessante observar como esta família se centra no casal, às vezes com filhos. Pelas entrevistas e pela observação de campo, nota-se que raramente a família presente na praia constitui-se de algo que inclua outros parentes que não os cônjuges e sua prole, como, por exemplo, pais e mães (de adultos freqüentadores), irmãos e irmãs, tios e tias, sobrinhos e sobrinhas, cunhados e cunhadas, etc. A lógica parece advir do fato de que o casal nuclear e filhos estejam acostumados ao contato com a nudez de seus membros.

No caso de parentes fora deste círculo, a nudez não só fica mais constrangedora – pois obriga a uma nudez comunal com quem possivelmente nunca se viu ou se mostrou nu – como também se quebra a “troca de mulheres”. Como no caso, por exemplo, de um homem que traz sua mulher com, digamos, o irmão dela e a respectiva companheira, este cunhado pode não se interessar em trazer sua mulher pois a troca será assimétrica, dada sua falta de interesse sexual pela própria irmã. Ao mesmo tempo, ele estaria dentro da própria família servindo a nudez de sua mulher (e de sua irmã também) a alguém sem parentesco consanguíneo, no caso o marido da irmã.

De uma maneira geral, a impressão é de que talvez as relações com familiares mais distantes estejam de certo modo mais reguladas pelos costumes e normas, havendo um controle previamente estabelecido para os comportamentos. Desse modo, o naturismo reproduz a noção de família vigente, sem no entanto atrair a presença de parentes fora do casal nuclear. Para este casal, o naturismo tem o caráter de proporcionar a “troca” com o universo fora da família, servindo para se experimentar de forma controlada situações que põem em questão – e por isso reforçam – atributos naturalizados do casal, como fidelidade, monogamia e posições de dominação/submissão entre homens e mulheres. Estes atributos são fonte de grande ansiedade e dúvida em tempos de rearranjo de subjetividade e condição social de ambos os sexos.

QUESTÕES A SEREM DESENVOLVIDAS

No aspecto metodológico, procurarei relatar o processo efetivo de realização da pesquisa, abordando as dificuldades, questionamentos e dúvidas que confrontam o pesquisador durante o trabalho de campo e orientando sobre o modo como foram desenvolvidas as etapas da pesquisa. Específico sobre a etnografia na praia, onde a idéia de estabelecimento de um “ambiente familiar” na praia naturista norteia a investigação, a observação e as entrevistas com os praticantes terão como foco a compreensão do sistema baseado numa nudez pública, alegadamente “natural”, que depende de uma instrução normativa calcada na existência de um ambiente familiar, com suas atribuições de gênero. A busca é de destacar: 1) a identidade naturista, através do que se aferir como preocupação e sentimento mais gerais dos entrevistados; 2) como estas identidades refletem as atribuições sociais para os papéis do homem e da mulher, a partir de como as entrevistas demonstrarem a classificação pelos naturista do que eles entendem por “família”. Parto do pressuposto de que família quer dizer casal heterossexual nuclear e filhos, não havendo consideração de outros familiares. Esses dados embasam a elaboração classificatória do sistema de troca.

Assim, os questionários e perguntas, bem como a análise do material produzido e publicado pela A.N.A., almejam desvendar uma desigualdade de gênero presente nos modelos comportamentais produzidos não só pelas regras de conduta sancionadas pela associação, mas também pelos desejos e medos de quem frequenta a praia.

Pretendo também elaborar uma parte reservada à história do naturismo no Brasil e no mundo, analisarei o significado da experiência no contexto do naturismo, articulando corpo, emoção e subjetividade no contexto da prática. Tomando por referência as noções de pudor e vergonha, procuro compreender as motivações que levam os praticantes a assumirem o naturismo como um estilo de vida, analisando a construção de uma noção de pessoa específica no contexto da prática.

Pensando sobre o consumo do corpo (preocupação com a boa forma, o corpo como “self objetivado”), procura mostrar o significado de uma atividade de lazer onde a nudez coletiva é considerada uma espécie de remédio para problemas e conflitos da contemporaneidade, em que são listados o consumismo das roupas e da pornografia, contraditoriamente. Isto talvez dentro de um capítulo sobre o lazer. Introduzir o naturismo, trazendo a panorâmica sobre o lazer na contemporaneidade, com a discussão teórica e implicações políticas e sociais.

Da discussão sobre corpo e lazer, entramos em uma reflexão sobre o Rio de Janeiro e suas praias, focando na posição sócio-geográfica da praia do Abricó em relação à cidade, bem como o

significado de um suposto “culto ao corpo” no Rio, balneário que constrói parte de sua identidade através dos corpos *seminus* na praia. Busco identificar o significado de “ser” naturista no contexto do Rio de Janeiro, articulando a noção de estilo de vida com o imaginário sobre a cidade. Partindo de considerações sobre o significado do naturismo para os praticantes, pretendo reconhecer os elos a partir dos quais os naturistas se reconhecem como grupo e o modo a partir do qual eles conferem sentido ao espaço da cidade, modificando a dinâmica das relações tradicionalmente associadas com a oposição entre Zona Norte e Zona Sul no contexto carioca.

Assim, é possível refletir sobre o modo como a referência ao corpo encontra-se enviesada pela perspectiva de gênero, modificando os significados do naturismo a partir das representações em relação ao corpo masculino e ao corpo feminino. Nesse sentido, procuro identificar os elementos que mantêm o naturismo como uma prática majoritariamente masculina, reconhecendo a articulação entre o corpo masculino e a noção de pessoa naturista.

A famosa “beleza natural” do Rio de Janeiro introduz a discussão sobre os conceitos de natureza e cultura, que se ligam aos de masculino e feminino e aos de público e privado. O que pretendo é ambientar a discussão sobre territorialidade e domesticidade nas relações de gênero no território específico de uma praia naturista na zona oeste carioca. Mostrar a praia como espaço público, e a relação entre público e privado no RJ. Apresentar um histórico da luta e a conquista desta praia naturista oficial e a significância de se obter um espaço público onde regras são propostas e preservadas em meio a uma cidade tão falada pela degradação da ordem e caos urbano. As implicações deste contexto na construção das regras de conduta da praia do abricó, principalmente no que tange o papel da “família naturista” dentro da praia e da associação responsável pelo espaço.

O “papel da família no naturismo” ocupará também um espaço importante no capítulo onde detalho com mais profundidade os aspectos teóricos envolvidos na pesquisa. Retomo a discussão presente no projeto inicial apresentado na seleção do doutorado na Unicamp, em que penso no naturismo como útil para refletir sobre interesse / desinteresse das ações sociais no processo de busca da identidade. A teoria de Habermas aparece como pensamento que indica um modelo formal que “resolve” a dicotomia entre o ato “interessado” (da distinção de Bourdieuⁱⁱⁱ, por exemplo) e a dádiva de Mauss, que representa o desinteresse, tal como apresentada por Alan Caillé^{iv}. O conceito habermasiano de “mundo da vida” como espaço de sociabilidade primária - onde a reciprocidade nas relações pessoais não se encontra (ainda) colonizada pela lógica sistêmica do mercado e da política baseada na racionalidade estratégica - serve como referência para se analisar o “sistema de trocas” do naturismo; neste, a figura masculina é central como responsável pela passagem da esfera doméstica (privado) para a da praia (público), tendo a nudez da mulher

como objeto de troca. Aproveito as críticas de Nancy Fraser a Habermas^v, em que ela demonstra a falta de discussão a respeito da naturalização da mulher como ligada ao doméstico e à família. Isto é útil para a compreensão de como que uma atividade coletiva como o naturismo, que almeja um saudável respeito aos direitos individuais de usufruto do próprio corpo (supostamente de forma livre, tanto para homens como mulheres), contém em sua prática conflitos ligados a uma supremacia sexual masculina, o que remonta paradoxalmente ao ato interessado. Ou seja, a família não pode ser pensada como fora da busca estratégica de vantagens individuais, quando colocamos a questão do gênero na perspectiva.

i <http://www.anabrico.com>.

ii REIS, João Paulo Cordeiro. "Da Praia aos Poros": uma etnografia do naturismo na praia do Abricó - RJ. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2008.

iii BOURDIEU, P. *Distinction: a social Critique of the Judgment of Taste*. London: Routledge, 1986.

iv CAILLÉ, A. *Nem holismo nem individualismo metodológico* - Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 13 n. 38: São Paulo Outubro, 1998.

v FRASER, N. *Que é crítico na teoria crítica?* O argumento de Habermas e Gênero. In: Benhabib, S. & Cornell, D. "Feminismo como crítica da modernidade". Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1997.